

TAGORE E A COLEÇÃO RUBAIYAT

TAGORE AND THE RUBAYAT COLLECTION

Marcus Vinicius de Freitas*
UFMG/CNPq

RESUMO

Este trabalho visa a uma reflexão sobre o contexto editorial e intelectual da difusão da obra de Rabindranath Tagore no Brasil, no contexto do Modernismo. Enfatiza-se o trabalho editorial da José Olympio Editora nesse processo, e ainda os desdobramentos pedagógicos da presença da obra de Tagore no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Tagore, Coleção Rubaiyat, Modernismo Brasileiro

TAGORE E A LITERATURA DIDÁTICA NO BRASIL

Este trabalho constitui uma pequena reflexão sobre o contexto editorial e intelectual da difusão da obra de Rabindranath Tagore no Brasil, no contexto do Modernismo brasileiro, e visa menos a uma explanação de qualquer fragmento da vasta obra do poeta do que a um comentário sobre o uso de sua obra por certa vertente orientalizante do Modernismo.

Como milhões de outras pessoas no Brasil, li Tagore pela primeira vez ainda na infância, na série didática *As mais belas histórias*, de Lúcia Monteiro Casasanta. Como bem observa Francisca Izabel Pereira Maciel, “para uma representativa parcela de estudantes das décadas de 50 a 90 do século XX, as mais belas histórias estão diretamente ligadas às lembranças do ensino primário e ao halo que envolvia o livro de Lúcia Casasanta”.¹ Essa extraordinária coleção de introdução à leitura constitui um marco no ensino fundamental em Minas Gerais e em outras partes do Brasil. Lúcia Casasanta, que havia feito sua formação de normalista em Belo Horizonte, com posterior mestrado na Universidade Columbia, ainda nos anos 1920, foi responsável pela introdução de novos conceitos e práticas relativos à aquisição da habilidade de leitura, em consonância com os preceitos da chamada “Escola Nova” e da “Reforma Francisco Campos”. A primeira edição de *As mais belas histórias*, que consagrava um método já testado pela autora em

* marcus@letras.ufmg.br

¹ MACIEL. Lúcia Casasanta: trajetória de uma mestra, p. 13.

mais de vinte anos como professora, saiu em 1954. Em 1958, o livro já contava com onze edições. Em 1962, chegou à 43ª edição. Ao final dos anos 1970, o livro já contava as edições às centenas.

A série de Lúcia Casasanta se dividia em livros cujo conteúdo era determinado pelo nível de leitura alcançado pelo aluno. Assim, da série denominada “Leitura intermediária” constava um conto de Tagore, intitulado “A ladra do sono”, em tradução de Abgar Renault.² Pode-se dizer, então, que Tagore se tornou um autor popular entre milhões de crianças no Brasil, através de uma pequena narrativa retirada do livro *A lua crescente*. E não é impropriedade que assim fosse, uma vez que o poeta indiano marca a sua obra com profundos e constantes interesses didáticos. No entanto, cabe a pergunta relativa ao porquê da escolha feita por Casasanta de um texto de um escritor indiano para fazer parte do conjunto de meia centena de narrativas que integram o seu livro didático. E aqui cabe compreender que essa popularização didática foi possível apenas por ter sido precedida pelo sucesso editorial e de crítica de uma coleção literária muito reconhecida, publicada pela Livraria José Olympio, a chamada Coleção Rubaiyat. Essa série editorial, na qual Tagore tem lugar de destaque, alcançou grande sucesso de público e de crítica, ainda nos anos 1940, sobretudo em meio aos intelectuais modernistas e modernizantes (entre eles a professora mineira), e aponta em grande medida para a fonte da escolha feita por Lúcia Casasanta.

Antes de vermos com um pouco mais de detalhe a inserção de Tagore nessa coleção orientalizante e o papel que sua obra aí cumpre, cabe lembrar que o escritor indiano havia sido traduzido pela primeira vez no Brasil em 1914, como consequência imediata de sua consagração ocidental pelo Prêmio Nobel, em 1913. Esse primeiro livro traduzido no país foi, como seria natural, *O Gitânjali*, uma vez que essa obra havia sido decisiva na concessão do prêmio e passou logo a ser a mais difundida das obras de Tagore no Ocidente. A tradução de 1914 foi feita por um tradutor sem projeção, Bráulio Prego, para a Empresa Tipográfica O Pensamento, cuja edição se completava com a Introdução feita por William Butler Yeats para os leitores ingleses do livro.³ Essa tradução foi reeditada em 1929. O mesmo destino teve *A lua crescente*, traduzida por Plácido Barbosa em 1915, que chegou a ter quatro edições até 1926.⁴ Deve-se contar ainda *O jardineiro*, traduzido por Francisca de Bastos Cordeiro para uma obscura editora chamada Vida Doméstica.⁵ Essas edições obscuras não marcaram época, e seus exemplares pouco restaram, mesmo em bibliotecas. A partir dos anos 1930, a chancela dos modernistas, através da Coleção Rubaiyat, da Livraria José Olympio Editora, iria tornar perene a presença de Tagore no Brasil.

² TAGORE. *A ladra do sono*, p. 37-38.

³ TAGORE. *Gitânjali*.

⁴ TAGORE. *A lua crescente*.

⁵ TAGORE. *O jardineiro*.

A COLEÇÃO RUBAIYAT

A Casa José Olympio foi criada em 1932, em São Paulo, e ganhou projeção a partir de 1934, quando José Olympio se mudou para o Rio de Janeiro e abriu, associada à editora, uma livraria, que se tornou o ponto obrigatório de encontro dos intelectuais modernistas, todos eles editados pela mesma empresa. Todos os grandes escritores modernistas passaram a ser editados pela Casa José Olympio, que construiu o maior catálogo de poesia e de ficção moderna do país, impondo ainda um novo padrão gráfico e editorial, através da contratação de grandes pintores e artistas gráficos – todos eles marcados pela estética modernista – para produzir capas, contracapas e folhas de rosto originais.⁶ Nesse contexto é que, em 1935, a Casa, como era chamada, lançou a Coleção Rubaiyat, cujo catálogo visava à constituição de uma “coleção preciosa da antiga literatura oriental”, como aponta Luís Jardim, dublê de escritor, tradutor e ilustrador atuante na Casa José Olympio.⁷

O primeiro livro a ser publicado na coleção foi aquele que lhe dá o nome, qual seja, o *Rubaiyat*, do poeta persa do século XI, Omar Khayyám (1050-1122), cujo texto havia se popularizado no ocidente com a tradução de Edward Fitzgerald, de 1859, tradução essa que criara uma verdadeira febre em torno da literatura oriental, tornando-se esse livro uma espécie de fetiche de colecionadores, o que perdura até os dias de hoje. A tradução brasileira publicada na Coleção Rubaiyat, a cargo de Octavio Tarquínio de Souza, foi, entretanto, feita a partir da versão francesa, de Franz Toussaint, um atestado do nosso galicismo cultural à época. Tarquínio publicara uma primeira edição da tradução em 1928, pela Imprensa Nacional, mas seu texto ganharia fama a partir de 1935, com as edições da José Olympio. Os clássicos árabes, a poesia persa e a literatura indiana determinavam o caminho inicial da coleção. Pode-se, portanto, desde logo, perceber o traço de estereótipo orientalista que envolve a divulgação de Tagore no Brasil, e que fala menos de sua obra do que do nosso contexto cultural modernista. Entre os textos da Coleção, incluem-se variados clássicos orientais, como se fosse possível colocar textos de tão variadas tradições sob um mesmo rótulo. Para se ter uma ideia da constituição desse rótulo, basta destacar que, entre os livros editados na coleção, encontram-se, entre outros, *A ronda das estações*, de Kalidasa, clássico poeta da literatura sânscrita; *Nalá e Damayanti*, texto que constitui um episódio do *Mahabharata*; *Jardim das rosas*, de Saadi (1200-1291), e os *Gazéis*, de Hafiz (1325-1389), dois poetas muito importantes da tradição persa; e os *Poemas de amor*, de Amaru, poeta indiano do século VI.

A escolha da tradução francesa do *Rubaiyat* para servir de base à tradução brasileira deveu-se à já mencionada influência francesa na cultura brasileira, o que se estende não apenas aos textos, mas ao próprio gosto editorial. De fato, a coleção da Livraria José Olympio emulava a coleção “Ex Oriente Lux”, da casa editorial francesa L’Edition d’Art Henri Piazza. Essa editora francesa fazia furor, desde o começo do século XX, com suas edições projetadas e ilustradas por grandes artistas, tais como Edmund Dulac, Arthur

⁷ JARDIM. Nota do tradutor, p. 5.

⁶ Para detalhes sobre o percurso da Livraria José Olympio Editora, e ainda sobre o trabalho gráfico que caracterizou as suas edições, ver: PEREIRA. *José Olympio: o editor e sua casa*.

Rackam, Kay Nielsen, Léon Carré e Étienne Dinnet. Suas capas e ilustrações garantiam ao leitor o ambiente de luxo oriental que se projetava no imaginário europeu desde a segunda metade do século XIX, e que tanto marcou a literatura e as artes europeias da *Belle Époque*. Dessa forma, o mesmo tipo de projeto foi concebido na coleção brasileira, para a qual a José Olympio convidou para capistas e ilustradores artistas tais como Tomás Santa Rosa, Portinari, Cícero Dias, Oswaldo Goeldi, Luís Jardim e Poty. Cabe destacar o fato de que parte significativa do trabalho de ilustração e capas foi feito por Santa Rosa e Luís Jardim, que reduziram os arabescos e as volutas da clássica decoração oriental – presentes nas edições de Henri Piazza – a linhas econômicas, modernistas, dando grande elegância e contemporaneidade à coleção. Para comprovar essa afirmação, basta atentar para as vinhetas desenhadas pelos dois artistas para diferentes edições, nas quais os palácios, as flores, os pássaros, os corpos são todos reduzidos a linhas e cores básicas, constituindo uma espécie de decoração oriental com influência funcional modernista.

Além de destacar consagrados artistas plásticos para o trabalho gráfico, a casa José Olympio convocou como tradutores alguns importantes escritores e intelectuais do modernismo, sobretudo aqueles da segunda geração modernista, mais afeita à grande tradição da poesia lírica, fator determinante para o modo de inserção da obra de Tagore na coleção. Entre os diversos tradutores da coleção, devemos destacar Lúcio Cardoso, Guilherme de Almeida, Abgar Renault, Octavio Tarquínio de Souza, Adalgisa Néry, Aurélio Buarque de Holanda, Aníbal Machado, Agripino Grieco e Luís Jardim, todos eles escritores editados pela casa. Dessa maneira, quando obras de Tagore começaram a ser traduzidas e publicadas na coleção Rubaiyat, a sustentá-las estavam: 1) a mais importante casa editorial brasileira da época, comprometida com a divulgação de poesia e de prosa de ficção, decididamente disposta a integrar os textos da tradição à nova arte modernista; 2) a arte gráfica de alguns dos mais importantes pintores e desenhistas do país; e 3) destacados tradutores que serviam de apresentadores modernos dos clássicos textos traduzidos.

TAGORE NA COLEÇÃO RUBAIYAT

Entre 1939 e 1946, foram editados seis livros de Tagore pela Casa José Olympio, a saber: *O Gitânjali*, em 1939, traduzido por Guilherme de Almeida; *O jardineiro*, também em 1939, pelo mesmo Guilherme de Almeida; *A lua crescente*, em 1942, com tradução a cargo de Abgar Renault; *A colheita dos frutos*, em 1945, pelo mesmo Abgar Renault; os *Pássaros perdidos*, em 1946, também por Abgar Renault; e ainda as *Memórias* de Tagore, publicadas em 1946, em tradução de Guinara Lobato Pereira. Os cinco primeiros livros integravam a Coleção Rubaiyat; o último deles integrava outra coleção, intitulada *Memórias, Diários e Confissões*, mas acompanhava, em função do autor, o padrão gráfico da Coleção Rubaiyat.

Deve-se atentar para o fato de que, na capa dos livros, o nome do tradutor tem tanto, ou às vezes até mais, destaque do que o nome do autor. Essa simbiose autoral é representativa do fato de que Tagore passou a ser uma espécie de imagem modelar e universalizante da tradição lírica, tal como compreendida pela segunda geração

modernista brasileira. As capas destacam os tradutores como uma espécie de transcriutores da obra de Tagore, ao mesmo tempo em que reiteravam a linha modernista das edições da Casa José Olympio. Ou seja, não se tratava apenas de traduzir Tagore, mas de colocá-lo a serviço da arte modernista brasileira, foco maior da José Olympio Editora.

Ainda está por ser feito um levantamento exaustivo das inúmeras referências diretas e indiretas a Tagore na lírica modernista, mesmo que algumas dessas referências já tenham sido bem trabalhadas. Nessa direção, cabe lembrar o trabalho de Dilip Loundo sobre as relações entre Cecília Meireles e Tagore.⁸ Cecília constitui um caso à parte, pois seu orientalismo e sua proximidade com a lírica de Tagore são anteriores àquele momento tagoriano das décadas de 30, 40 e 50. Ainda assim, é a própria Cecília quem, no prefácio à edição brasileira de *Çaturanga*, livro por ela traduzido e publicado em 1962, aponta a dívida orientalizante contraída pela poesia lírica brasileira durante o modernismo, cuja evidência está na massiva publicação de obras suas naqueles anos. Comentando o início do interesse brasileiro por Tagore, ainda durante a Primeira Guerra, e a sua consolidação pela geração modernista, diz a autora:

As sucessivas edições francesas de poemas e romances de Tagore ao chegarem ao Brasil foram vivamente apreciadas, ou porque depois da Primeira Grande Guerra houvesse no mundo uma disposição de espírito propícia a essa poesia [...] ou porque ainda, naquele tempo, se fizessem sentir entre nós uma certa tendência mística e uma certa simpatia orientalista que obscuramente se insinuam com parte de nossa formação. A prova desse interesse pela sua obra manifesta-se também nas edições feitas posteriormente, no Rio de Janeiro, de vários livros seus ...⁹

Dessa maneira, através do interesse modernista, patente no fato de que foi o autor mais contemplado com edições na Coleção Rubaiyat, Tagore se tornou uma espécie de referência clássica da lírica brasileira. Cabe lembrar que a fortuna das obras de Tagore, a partir da coleção Rubaiyat, foi enorme. Em 1962, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro fez uma exposição sobre Tagore, com a curadoria do escritor Adonias Filho, àquela altura diretor da BN. Nessa ocasião fez-se um levantamento das obras de Tagore constantes do catálogo da BN, aí incluído um levantamento das reedições do autor pela coleção Rubaiyat. Por esse levantamento, sabemos que, em 1962, *O Gitânjali* passava da 5ª edição e *O jardineiro* estava na 4ª edição.¹⁰

Sabemos bem que um clássico é a obra que se dá em classe. Todo clássico adquire, queira ou não, um caráter pedagógico. Quando esse elemento educativo é natural do poeta, tal como no caso de Tagore (assim como o de alguns de seus tradutores brasileiros, entre eles Cecília Meireles e Abgar Renault), torna-se claro compreender porque um texto seu foi parar numa coletânea didática, destinada a crianças em idade escolar.¹¹

⁸ LOUNDO. Cecília Meireles e a Índia: viagem e mediação poética.

⁹ MEIRELES. Apresentação, p. 80.

¹⁰ TAGORE. Exposição realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹¹ Sobre a presença de Tagore na formação de repertório didático no Brasil, conferir SOARES. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*.

Lúcia Monteiro Casasanta, como já vimos, retirou a história de Tagore da tradução apresentada na Coleção Rubaiyat, feita por Abgar Renault, de *A lua crescente*, obra tagoriana com claro tom pedagógico. Para as milhões de crianças alfabetizadas entre as décadas de 50, 60 e 70, em Minas Gerais e em várias outras partes do Brasil, Tagore apareceu integrado aos sonetos de Bilac e de Cecília Meireles, às histórias de Monteiro Lobato e de Manoel Bomfim, além de contos de fadas e de anedotas do folclore brasileiro, todos formando uma espécie de cânone de apresentação da literatura às crianças. Se não fosse por outros, esse motivo já seria suficiente para demonstrar a importância do autor para a nossa formação cultural, como bem aponta Cecília Meireles. Com certeza, a presença de Tagore na cultura brasileira se deu através de um viés carregado de estereótipos orientalistas, mas isso não diminui o papel que sua obra cumpriu entre nós, e que precisa ser ainda muito investigado.



ABSTRACT

This paper looks at the editorial and intellectual context which caused the work of Rabindranath Tagore to be known in Brazil, in the context of Modernism. The editorial work by Jose Olympio Press in this process is highlighted. Also highlighted are the pedagogical implications of the presence of Tagore's work in Brazil.

KEYWORDS

Tagore, Rubaiyat Collection, Brazilian Modernism

REFERÊNCIAS

- CASASANTA, Lúcia Monteiro. *As mais belas histórias – leitura intermediária*. Belo Horizonte: Editora do Brasil em Minas Gerais, 1955.
- JARDIM, Luís. Nota do tradutor. In: OLYMPIO, José (Ed.). *Nalá e Damayanti*. Rio de Janeiro: José Olympio 1944. p. 5.
- LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVÊA, Leila, V. B. (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2007. p. 129-178.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Lúcia Casasanta: trajetória de uma mestra. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 15, n. 85, p. 11-17, jan./fev. 2009.
- MEIRELES, Cecília. Apresentação. In: TAGORE, Rabindranath. *Çaturanga*. Rio de Janeiro: Delta, 1962. p. 79-83.
- PEREIRA, José Mário (Org.). *José Olympio: o editor e sua casa*. São Paulo: Sextante, 2008.
- SOARES, Gabriela Pelegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

- TAGORE, Rabindranath. *Gitanjali (a oferta lyrica)*. Trad. Bráulio Prego. Introd. W. B. Yeats. São Paulo: Pensamento, 1914.
- TAGORE, Rabindranath. *A lua crescente*. Trad. Plácido Barbosa. Rio de Janeiro: Typografia Besnard, 1915.
- TAGORE, Rabindranath. *O jardineiro*. Trad. Francisca de Bastos Cordeiro. Rio de Janeiro: Vida Doméstica, 1927.
- TAGORE, Rabindranath. *O Gitânjali*. Trad. Guilherme de Almeida. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- TAGORE, Rabindranath. *O jardineiro*. Trad. Guilherme de Almeida. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
- TAGORE, Rabindranath. *A lua crescente*. Trad. Abgar Renault. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
- TAGORE, Rabindranath. *Colheita de frutos*. Trad. Abgar Renault. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- TAGORE, Rabindranath. *Pássaros perdidos*. Trad. Abgar Renault. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
- TAGORE, Rabindranath. *Memórias*. Trad. Guinara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
- TAGORE, Rabindranath. A ladra do sono. In: CASASANTA, Lúcia. *As mais belas histórias - leitura intermediária*. Belo Horizonte: Editora do Brasil em Minas Gerais, 1955. p. 37-38.
- TAGORE, Rabindranath. *Çaturanga*. Trad. Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Delta, 1962.
- TAGORE. Exposição realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pela Seção de Exposições, em 2 de Abril de 1962. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285814.pdf. Acesso em: 26 de maio de 2011.